

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
Chris Marker – A Memória das Imagens  
17, 18, 19, 20 de Dezembro de 2024

## L'HÉRITAGE DE LA CHOUETTE / 1989

Episódios 1-13

de Chris Marker

17 de Dezembro de 2024

sessão 1 – L'HÉRITAGE DE LA CHOUETTE, EPISÓDIOS 1-3, 1989 – 78 min

- 1 – “Symposium ou les idées reçues”
- 2 – “Olympisme ou la Grèce imaginaire”
- 3 – “Démocratie ou la cité des songes”

18 de Dezembro de 2024

sessão 2 – L'HÉRITAGE DE LA CHOUETTE, EPISÓDIOS 4-6, 1989 – 78 min

- 4 – “Nostalgie ou le retour impossible”
- 5 – “Amnésie ou le sens de l’histoire”
- 6 – “Mathématique ou l’empire des signes”

19 de Dezembro de 2024

sessão 3 – L'HÉRITAGE DE LA CHOUETTE, EPISÓDIOS 7-9, 1989 – 78 min

- 7 – “Logomachie ou les mots de la tribu”
- 8 – “Musique ou l’espace de dedans”
- 9 – “Cosmogonie ou l’usage du monde”

20 de Dezembro de 2024

sessão 4 – L'HÉRITAGE DE LA CHOUETTE, EPISÓDIOS 10-13, 1989 – 104 min

- 10 – “Mythologie ou la vérité du mensonge”
- 11 – “Misogynie ou les pièges du désir”
- 12 – “Tragédie ou l’illusion de la mort”
- 13 – “Philosophie ou le triomphe de la chouette”

Ficha técnica (dos 13 episódios em conjunto)

Realização, Argumento, Comentário (“aos comandos”): Chris Marker / Voz: André Dussolier / Imagem: Andreas Sinanos, Arnaud de Boisberranger, Jimmy Glasberg, Emiko Omori, Peter Chappell, Levan Paatachvili, Peter Arnold, Pierre Dupouey, Sandor Krasna (Chris Marker) / Som: Harald Maury, Harrick Maury, Jean-Charles Martel, Ann Evans, Eoin McCann, Mervyn Gerrard, Guarri Kountsev, Dinos Kittou, Arst Axel, Joël Riant, Dimitris Athanassopoulos / Montagem: Khadicha Bariha, Nedjma Scialom / Filmagens Super 8: Didier Besnainou / Participantes (tal como creditados no último episódio): Daniel Andler, Theo Angelopoulos, Kostas Axelos, Catherine Belkhodja, Linos Benakis, Richard Bennett, Christiane Bron, Cornelius Castoriadis, Sophie Chauveau, Dimitri Delis, Patrick Deschamps, Marcel Detienne, Arielle Dombasle, Françoise Frontisi-Ducroux, Kostas Georgousopoulos, Mark Griffith, David Halperin, Mina Himona, Angélique Ionatos, Viatcheslav Ivanov, Michel Jobert, Lee Kaminski, Lika Kavjaradze, Elia Kazan, Nancy Laughlin, François Lissarrague, Baltasar Lopes, Otar Lordkipanidzé, Merab Mamardachvili, Fouli Manelopoulos, Guivi Margvelachvili, Matta, Melina Mercouri, Spiros Mercouris, Alex Minotis, Oswyn Murray, Michael Nagler, Yukio Ninagawa, Tatiana Papamashou, Amy Phillips, Marios Ploritis, Thomas Rosenmayer, Mihalis Sakellariou, Renate Schleisser, Alain Schnapp, Michel Serres, Giulia Sissa, Manuela Smith, Deborah Steiner, George Steiner, Nikos Svoronos, Leonid Tchelidzé, Evi Touloupa, Vassilis

Vassilikos, Jean-Pierre Vernant, John Winkler, Iannis Xenakis, Atsuhiko Yoshida / Com (“guest stars”): Arielle Dombasle, Catherine Belkhdja, Tatiana Papamashou, Mina Hemon, Amy Phillips, Sophie Chauveau, Lika Kavjardadzé.

Ao piano: Pascal Godart / Músicas: Eleni Karaindrou, Christelle Kosc / grupo UPIC, Krzystof Penderecki, Herbert Windt, Michel Krasna [C.M.], J.S. Bach, Iannis Xenakis / UPIC, François-Bernard Mâche / UPIC, Christelle Kosc / UPIC, Pierre Bernard / UPIC, Leos Janacek, Giovanni Fusco, Ludwig van Beethoven / Excertos de filmes (citações): *Paris 1900* (Nicole Védres), *Olympia* (Leni Riefenstahl), *On vous parle de Grèce* (SLON), *L'Odisse A* (Bertolini/Padovan/Liguoro), *America America* (Elia Kazan), *Skinoussa* (Jean Baronnet), *Tragédie Egéenne* (Basil Maros), *Avant-poste* (David Niles), *Rythmetic - Lignes horizontales en hommage à Norman McLaren et à l'Office national du film du Canada*, *Arcana* (Maurice Le Roux), *Acropole* (Kostas Vretakos), *Hiroshima mon amour* (Alain Resnais), *Medee* (Yukio Ninagawa) / Documentos: BBC, NOS, INA.

Produção: Attica Art Productions Inc (Groupe Fondation Onassis), La S.E.P.T. (Unité de programme Thierry Garrel), FIT Production / Produtor executivo: Jean-Pierre Ramsay / Cópias: digitais, versão francesa, legendadas eletronicamente em português / Primeira apresentação pública: Canal televisivo La S.E.P.T. 12 a 28 de Junho de 1989 / Primeiras exibições na Cinemateca, com excepção do episódio 7, “Logomachie ou les mots de la tribu”.

---

“É preciso demolir a Sorbonne e colocar Chris Marker no seu lugar”  
Henri Michaux

**L’Héritage de la Chouette** é uma série televisiva com 13 episódios de 26 minutos cada, realizados por Chris Marker em 1989 e exibidos pela primeira vez no canal La S.E.P.T. Como escreveu Bernard Eisenschitz num texto publicado num programa na Cinemateca Francesa em 1998 relativo a este projecto: “**L’Héritage de la Chouette** é um projeto enciclopédico que, através da Grécia antiga, pretende lançar alguma luz sobre as origens da nossa civilização e, ao mesmo tempo, sobre a sua mortalidade. (...) um projeto do que poderia ter sido uma televisão levada pelo mesmo espírito de inovação que o cinema teve, nos seus primórdios, um programa de ensino socrático, um folhetim (cada capítulo terminando com uma questão deixada sem resposta), um léxico markeriano, a continuação de uma conversa, a pares ou em grupo (por vezes até um monólogo), realizada ao longo dos anos, uma enumeração como a de Sei Shônagon (“Coisas que só passam: primavera, verão, outono e inverno”), ou ainda outra forma de abordar uma filmografia difícil de organizar, pois as categorias são desviadas ou invertidas nos filmes”.

A vertente enciclopédia do projecto manifesta-se assim na sua organização segundo os diferentes motivos ou temas, que presidem aos vários episódios, os quais, por sua vez, podem ser vistos individualmente, sem a necessidade de conhecer os restantes, ou mesmo invertidos na sua ordenação, como as entradas de um dicionário. Mas a real dimensão desta ambiciosa série só é apreendida face à totalidade dos seus capítulos, vistos em sucessão. Na recente conferência que proferiu na Cinemateca no âmbito deste Ciclo, Eisenschitz referiu como numa retrospectiva na Cinemateca Francesa, organizada com a colaboração do próprio Chris Marker, o cineasta colocou cada um destes episódios em relação com filmes por si escolhidos, prolongando tais filmes as ideias enunciadas, constituindo assim novas entradas para a sua obra, o que acrescentaria um nível de complexidade à sua recepção.

Como se afirma a dada altura no último destes episódios, “a coruja, sabemo-lo desde a Grécia Antiga, é um símbolo da sabedoria.” *L’Héritage de la Chouette* espelha como é também um elemento central na obra de Chris Marker, o que se manifesta dos primeiros aos seus últimos filmes. Tal é muito claro em obras como *Level 5* ou na sessão que dedicámos ao “bestiário” do cineasta, que contemplou uma curta-metragem como *An Owl is an Owl is an Owl* (1990), que resume bem esta sua obsessão. Entre a Grécia, os Estados Unidos, França, ou o Japão, Marker interroga historiadores, helenistas, filósofos, cientistas, políticos, escritores e outros artistas, que nos revelam as suas perspectivas e apresentam os vários argumentos sobre as questões que lhes são colocadas em torno da cultura grega, a título individual ou nos quatro “banquetes” organizados para o filme (em Paris, Atenas, Berkeley e Tbilissi). Ressurgindo nos vários episódios, entre os vários convidados do filme encontramos Theo Angelopoulos, Elia Kazan, Catherine Belkhdja, Arielle Dombasle, Alexis Minotis (na área do cinema); Michel Serres, George Steiner, Kostas Axelos, Mark Griffith (na área das letras e das ciências), Iannis Xenakis ou Angélique Ionatos (dois músicos e compositores), para referir apenas alguns nomes.

No primeiro episódio (“Symposium ou les idées reçues”), vários destes intervenientes abordam uma possível reconstituição do “Simpósio”, o conhecido banquete grego, a partir de uma posição que reflecte esse mesmo banquete, dado que Marker os reúne em torno de várias mesas, contexto em que a reflexão comum é acompanhada por comida e bebida. Destaca-se assim a relação da filosofia com o diálogo e a troca de ideias, tão presente na Grécia clássica, mas também a sua relação com a apetência dos gregos do presente pela troca de ideias nos cafés e pela vida comunitária. A surpresa manifestada por um dos especialistas em cultura grega face à sua primeira visita à Grécia, referindo como tal abalou todo o seu estudo anterior, é bem ilustrativa desta questão. No segundo episódio (“Olympisme ou la Grèce imaginaire”), revela-se como a herança grega deu origem a apropriações indevidas em benefício de ideologias totalitárias, destacando-se o modo como o regime nazi se apropriou e transformou tal imaginário. Neste contexto mostram-se imagens de *Olympia*, de Leni Riefenstahl, destacando-se o seu simbolismo e o modo como o filme contribuiu para a criação de um ideal colocado ao serviço da ideologia fascista e como os pensadores alemães criaram a Grécia Antiga, questão que voltará noutros episódios. No terceiro episódio da série (“Démocratie ou la cité des songes”), o último da primeira das quatro sessões, divaga-se em torno da noção de “democracia”, como num contraponto ao episódio anterior. Problematisa-se a democracia da Grécia Antiga e a suas características antidemocráticas – a escravatura e o papel das mulheres –, ao mesmo tempo que se questiona o presente. Quais as semelhanças e as diferenças entre realidades separadas por mais de vinte séculos, são algumas das questões a que se procura aqui responder, reverberando essas respostas nos motivos explorados nos episódios seguintes, num “folhetim” que aborda as várias questões de um modo circular, regressando a elas continuamente.

No quarto episódio da série, que corresponde ao início da segunda sessão deste programa, (“Nostalgie ou le retour impossible”), parte-se de *A Odisseia* de Homero, obra fundadora da literatura mundial para abordar a noção de nostalgia nas suas múltiplas acepções. Como diz Theo Angelopoulos, “o nosso problema é um problema de identidade (...) A cultura antiga já não existe, embora permaneçam resquícios da mesma”. Mas é Angélique Ionatos que, através da poesia e da música, vai mais longe na exploração do conceito que preside a esta parte. No quinto episódio (“Amnésie ou le sens de l’histoire”), Chris Marker explora o sentido de “autópsia”, que significa

literalmente “ver-se a si mesmo”, na sua relação com a História e no sexto, (“Mathématique ou l’empire des signes”), aponta-se para a herança grega no que respeita à geometria e à matemática. Aqui Michel Serres insiste na equivalência do vocabulário científico nas várias línguas e na importância da matemática para a lógica das máquinas, na qual os algoritmos ganham cada vez mais importância, revelando-se como hoje estamos muito longe da realidade de 1989.

Exibido no dia 19, o quarto programa referente a **L’Héritage de la Chouette** prolonga os anteriores, englobando os capítulos sete a dez. No sétimo episódio, “Logomachie ou les mots de la tribu”, divaga-se em torno do sentido de logos e do poder das palavras, contando-se com a presença do escritor cabo-verdiano Baltasar Lopes. No oitavo episódio (“Musique ou l’espace de dedans”), Iannis Xenakis questiona como “a arte sempre quis imitar a realidade quando deveria criar universos sem precedentes”, interrogando-se onde começa a música ao mesmo tempo que se analisa o som da coruja através de um computador. No nono (“Cosmogonie ou l’usage du monde”) parte-se da estatuária grega para abordar a sua relação com a morte.

Na última sessão, no décimo episódio da série (“Mythologie ou la vérité du mensonge”) aborda-se a mitologia grega na sua relação com o presente. Aqui George Steiner questiona a sua génese, ou Atsuhiko Yoshida mostra como os mitos foram transmitidos para o Japão, bem como insiste na relação entre o politeísmo grego e o politeísmo japonês. Face a imagens dos grandes anfiteatros afirma-se que “a Grécia não representa a civilização grega, como Roma não representa a civilização romana.” No 11º episódio (“Misogynie ou les pièges du désir”) revela-se como a concepção grega da sexualidade e do desejo era muito diferente da nossa, abordando-se a homossexualidade e o amor romântico ou o papel das mulheres na sua relação com os homens. O 12º capítulo (“Tragédie ou l’illusion de la mort”) começa no pequeno bar de Tóquio (La Jetée), onde se discute a relação entre a Grécia e o Japão e, do cinema de Angelopoulos, passamos para os ritmos do teatro nô e kabuki e para a relação da tragédia japonesa com a tragédia clássica grega. O último episódio (“Philosophie ou le triomphe de la chouette”), representa, como o próprio nome indica, o triunfo da coruja, emblema da sabedoria que, como os filósofos, sonda as trevas, revelando cada um dos participantes o seu entendimento desta figura omnipresente no cinema de Chris Marker. Um final que aponta para um optimismo conotado com a identificação da filosofia e do acto de filosofar com a liberdade de pensamento, uma herança da cultura grega antiga, mas que surge temperado com uma advertência de Michel Serres – “Gosto das ideias enquanto não têm poder, enquanto ideias leves” – e pela sua desconfiança relativa à tomada do poder pela “teoria”. Como afirmava Mark Griffith em “Logomachie ou les mots de la tribu”, “a tradição pedagógica é uma tradição grega. Aprende-se nas universidades a capacidade de argumentação, uma certa flexibilidade mental para aplicar na vida real, mas as sociedades ocidentais não têm sítio onde o aplicar”. Reflexão que revela o propósito de uma série que pode também ser vista como uma alternativa e um questionamento do conhecimento produzido nessas mesmas universidades, como há muitos anos afirmou Henri Michaux, mas acima de tudo como um questionamento da ausência de espaço para o pensamento na contemporaneidade. Eis uma virtude de um cinema em que se montam argumentos proferidos por interlocutores vários e em contextos diferentes, como se as frases de uns continuassem e respondessem às de outros, num diálogo continuado.

Joana Ascensão